

ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: perspectivas e desafios em realidades distintas – Porto Velho/RO e Três Lagoas/MS

Autora: Silvana Alves da Silva Bispo

Co-autora: Aline dos Santos Silva

Eixo temático:10 - Alfabetização e Ensino Remoto, desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: Este artigo apresenta recorte de um texto elaborado para um dossiê que apresenta reflexões acerca da práxis educativa. Tem como objetivo apresentar os desafios enfrentados por duas professoras alfabetizadoras, uma de Três Lagoas/MS e outra de Porto Velho/RO, para o desenvolvimento da sua prática docente durante o período de isolamento social do COVID-19 no ano de 2020. No escopo de uma pesquisa dialética, na qual se fez uso da entrevista e coleta de depoimentos, os dados coletados foram aqui analisados. O pressuposto teórico freireano é o que sustenta a discussão por possibilitar ler e interpretar criticamente a realidade. Os dados revelaram que o ano de 2020 foi atípico e que para o desenvolvimento da prática de alfabetização, as professoras lançaram mão de saberes docentes, alguns deles, não vivenciados durante a formação inicial e continuada. Enfatizamos ainda certa exclusão social tendo em vista que muitas crianças não conseguiram acessar os meios adequadamente para participarem das aulas remotas de forma efetiva e com qualidade.

Palavras-chave: Alfabetização. Prática docente. Pandemia do Covid-19.

1. Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a disseminação comunitária do COVID 19, em todos os continentes, como pandemia em 31 de janeiro de 2020. A definição do Ministério de Saúde (2021) “[...] uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves”, não demonstra o quanto o vírus é perigoso.

No início do ano de 2020, a falta de informação acerca das formas de contágio da doença e de como tratá-la, obrigou estados e municípios a se reorganizarem com vistas a construir um arsenal jurídico e médico-profilático para manter as diversas comunidades e pessoas informadas sobre a doença e seu profundo nível de letalidade e formas de prevenção.

No que se refere à educação, as aulas foram interrompidas e, no momento seguinte adotou-se o ensino remoto. No estado de Rondônia (RO) e de Mato Grosso do Sul (MS), a situação se assemelha, por força de decreto houve o fechamento das unidades de ensino, devido a situação emergencial de saúde pública provocada pela Pandemia. As atividades se tornaram remotas por meio das Atividades Pedagógicas Complementares à Aprendizagem (APCAs).

Dessa forma, coube aos gestores e professores desenvolver estratégias – nunca antes pensadas – para que as crianças, jovens e adultos continuassem sua, digamos, rotina de estudos. Naquele momento, primeiro trimestre de 2020, nenhuma autoridade tinha consciência de quanto tempo poderia durar a necessidade de isolamento social. É nesse escopo que a pesquisa se insere.

Temos como objetivos: a) apresentar os desafios enfrentados por duas professoras alfabetizadoras, uma de Três Lagoas/MS e outra de Porto Velho/RO para o desenvolvimento da sua prática docente com alfabetização durante o período de isolamento social do COVID-19 no ano de 2020; b) verificar como as professoras, sujeitos da pesquisa, buscaram estratégias para o exercício da docência no período da pandemia.

2. Metodologia

Para responder aos objetivos da pesquisa, recorreremos a abordagem dialética porque ela possibilita entender o fenômeno sua relação social. Vygotsky (1991), nos ajuda a entender os procedimentos e atitude do pesquisador ao esclarecer que ao se realizar a pesquisa, o método tem relação direta com o entendimento a respeito do objeto a ser investigado. Portanto, em meio a pandemia do Covid-19, entender o processo de alfabetização ocorrido em duas realidades distintas exigiu, como instrumento de coleta de dados, a entrevista, o conhecimento acerca das realidades em que as professoras desenvolvem a docência. Ou seja, o olhar das pesquisadoras não se detém apenas na criança, mas nela em atuação no meio.

Duas professoras alfabetizadoras participaram da pesquisa, ambas da rede pública, uma de Porto Velho/RO que tem sete (7) anos de docência e outra com vinte e dois (22) anos de docência em Três Lagoas/MS. A elas foram apresentados os objetivos da pesquisa, técnicas e procedimentos a serem utilizados, assegurando-se o anonimato por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Seus nomes foram alterados pelo de flores, em comum acordo.

A professora Girassol, trabalha com turmas do 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental I de Porto Velho. A Rosa do Deserto trabalha há 22 na docência no município de Três Lagoas/MS. Ela é professora no regime de 40h, turma do 2º ano dos anos iniciais do EF. A prática pedagógica das duas será objeto de reflexão logo após a discussão sobre alfabetização humanizadora¹.

3. Alfabetização numa perspectiva humanizadora

Defendemos neste artigo, a alfabetização na perspectiva humanizadora por acreditarmos que se trata de uma postura e ação que respeita a criança, que a possibilita “ser mais”, como dizia sempre nosso teórico basilar Paulo Freire. É ele que contribui com a reflexão sobre saberes necessários para atuação docente no livro *Pedagogia da Autonomia*.

Embora o livro tenha sido escrito em 1996, as ideias e ideais de Freire que se materializaram nas linhas do livro *Pedagogia da Autonomia* ainda hoje se fazem presentes. Na atualidade, em meio a pandemia do Covid-19, cada professor teve que rever sua atuação, tanto no modo como exercia a docência, como nos recursos que faziam parte de seu cotidiano. Em nenhum tempo, a tecnologia foi tão utilizada, mesmo por aqueles que pouca familiaridade possuíam com ela. Era preciso, necessário, sonhar juntos, engajados em prol de um objetivo comum. Foi assim que percebemos e é o que mostraremos nos relatos das professoras.

Freire em seus escritos, livros, palestras e outros meios de comunicação com o mundo e no mundo, defendeu uma educação humanizadora. Para além da forma de atender os alunos em suas especificidades, ao nos reportarmos ao processo de alfabetização numa perspectiva humanizadora, significa também conhecer as realidades dos alunos, ainda mais no contexto da pandemia Covid-19 em que se exige uma interação virtual, ambiente/espaço adequado para os estudos. Por tudo isso, a prática educativa humanizadora

[...] pressupõe ação coletiva pela qual todos busquem um objetivo comum. Entretanto, estamos marcados por uma lógica capitalista; conseqüentemente, individualista, o que explica a dificuldade de agir coletivamente. Exemplo disso é o que observamos no cenário educacional anos a fio, em que, em curto espaço de tempo, devido às mudanças na política governamental, inúmeros programas são lançados, cada qual com sua especificidade, e que ditam a forma de como desenvolver o currículo prescrito nas instituições educativas. Tais programas, sem uma unidade metodológica, tendem a embaraçar a prática educativa e isso se reflete diretamente na aprendizagem e desenvolvimento dos educandos. (MARINO FILHO, 1996, p.13)

¹ Este artigo contém recorte nos estudos de BISPO, S. (2006).

Tal afirmação advém do fato de que, ainda hoje em muitas escolas o professor atua de forma mecânica, apenas repassando o conteúdo e adotando metodologias de forma vertical. Vale ressaltar que, concebemos o processo de ensino e aprendizagem horizontalmente, numa relação dialógica entre professor e aluno, com conteúdos flexíveis e adequados ao nível e realidade de aluno. Pois, continua o autor afirmando “[...] que não é possível reduzir o ato de escrever a um exercício mecânico. O ato de escrever é mais complexo e mais demandante do que o de pensar sem escrever”. (FREIRE, 1997, p. 8). Diante disso, o processo de alfabetização compreende estimular a criança, criando experiências e traçando possibilidades com os objetos que o meio lhe oferece.

4. Resultados e discussões: Desafios de alfabetizar na pandemia

O exercício docente diário para atuar num cenário singular e inédito, nos leva a pensar nos saberes docentes destacados por Freire “O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente”. (2020, p.13)

Na intenção de criar as possibilidades para a produção do conhecimento, as professoras alfabetizadoras lançaram mão de uma série de estratégias as quais apresentaremos. Iniciamos a análise dos dados trazendo o depoimento da professora Girassol porque é desta realidade que discutimos, e ainda, embora a distância geográfica entre Porto Velho/RO e Três Lagoas/MS seja grande, elas em muito se assemelham, ambas são escolas localizadas na periferia em comunidade popular.

As escolas situadas na zona periférica são compostas, em sua maioria, pela comunidade carente e, aí a educação (se torna) ou é o único caminho em que a família acredita para que os filhos possam realizar seus sonhos de conquistar um futuro melhor.

A professora Rosa do Deserto, tem graduação em Pedagogia, especialização Lato sensu em Psicopedagogia e Especialização em Educação Especial. Quando questionada acerca da opção pela docência disse que “A certeza que eu tinha feito a escolha certa foi no período do estágio. O contato com os alunos e a experiência dentro da sala de aula foram fundamentais para que eu realmente escolhesse a docência”. Por outro lado, a professora Girassol, pedagoga e que tem especialização Lato sensu em Libras: Tradução e Interpretação, relatou que “Na família tenho tias (aposentadas) professoras, e na infância participava das aulas ministradas por elas nas escolas. [...] O interesse pela alfabetização aconteceu durante a formação na universidade”.

Rosa do Deserto durante a realização do estágio curricular obrigatório no curso de Pedagogia teve certeza quanto à escolha da profissão. Percebe-se então que ainda havia dúvida se estava realmente no curso que lhe conferiria formação para a profissionalidade almejada. O estágio é, sem sombra de dúvida, o espaço inicial que tira o acadêmico da zona de conforto. É ali, naquele momento, que ele pode antever sua profissão.

Nos depoimentos das professoras fica claro que nenhuma delas tornou-se professora por acaso, ou escolheu a docência por falta de opção. Neste sentido, trouxemos Freire (1997, p.32) que nos alerta a respeito da seriedade da profissão docente, tema discutido em uma das cartas do livro “Professora Sim, tia não”, ao afirmar que não deve ser a prática educativa “[...] uma espécie de marquise sob a qual a gente espera a chuva passar. E para passar uma chuva numa marquise não necessitamos de formação. A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério”.

Portanto, para que a professora alfabetizadora seja presença positiva marcante no mundo, a ética, estética, o compromisso com o bem estar do outro deve sempre guiar sua prática educativa. E, fazendo referência ao momento presente – da pandemia do Covid 19 –, especificamente sobre o impacto de serem alfabetizadoras neste contexto, a professora destaca que “O processo e o desenvolvimento da criança na leitura e escrita é o maior impacto e desafio para o professor alfabetizador, é fundamental o acompanhamento presencial durante esse processo”. (GIRASSOL)

Como se pode observar, o acompanhamento do processo de aprender da criança sofreu transformação, a ação que antes era direta com o aluno, passa a ser mediada pelas tecnologias e pelo outro – algum membro da família – responsável por desenvolver as atividades com as crianças. A professora Girassol destacou que nem todas as crianças tinha “aparelho celular, um notebook ou computador e internet para acessar e participar das aulas” e completou reforçando que o “acesso a essas tecnologias e seu modo de usá-las foi desafiador para a criança e para a família”.

Em relação ao processo de socialização das atividades, de apresentação do que foi realizado, asseverou que “a criança não se sentia segura para se expor e ficava sem socialização com os outros colegas da turma”, por isso, continuou, “o caminho que o professor precisa para deixar as aulas mais comunicativas e participativas entre as crianças depende muito dos pais, são estratégias que procuramos desenvolver para as aulas acontecerem de forma dinâmica e havendo maior interação possível dos alunos”. (GIRASSOL)

É neste sentido que reafirmamos que a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma dádiva ou uma imposição, só poderemos construir uma sociedade justa, baseada na participação, se nos construirmos antes enquanto cidadãos. A professora que antes alfabetizava no contexto de sua aula, teve não só sua privacidade invadida, como

também, sua imagem foi veiculada no Facebook e no WhatsApp. Tanto as professoras, como as famílias dos alunos, se viram obrigadas a abrir suas residências, seus espaços antes reservados para o convívio entre os membros da família e amigos próximos.

Aliado a tudo isso, foi necessário investimento financeiro para internet de qualidade e aquisição de notebook e celular com memória suficiente para atender a demanda: vídeos dos pais e das crianças realizando as atividades. Mas, em meio a tantas mudanças e desafios, o bem maior que era a preservação da vida, continuava.

Por conta do exposto até o momento, já é possível afirmar que a exclusão social foi se acentuando ainda mais nos muros das escolas, - com a pandemia, extrapolados para o interior das casas dos alunos - estamos nos referindo às crianças da camada popular, daquelas cujas famílias têm poder aquisitivo baixo, daquelas que lutam dia a dia pela manutenção da casa com itens básicos para alimentação, daquelas que possuem poucos ou nada de recursos para acessar a cultura mais elaborada. Portanto, a escola é a principal responsável pelo acesso a essa cultura.

Rosa do Deserto destacou o uso de “Atividades de leitura e escrita; Números, situações-problema e jogos. Vídeos e áudios fizeram parte das aulas durante todo o ano no ensino remoto”. Percebemos que as duas professoras relataram empregar as mesmas mídias em sala de aula, mas que antes, a tecnologia era apenas uma estratégia diferenciada para inovar a sua prática nas aulas. Contudo, durante a pandemia, essas tecnologias se tornaram a única ferramenta para as aulas efetivamente acontecerem e o professor, a maioria dos educadores da rede pública, não estavam preparados para essa realidade. E isso certamente impactou não só o trabalho docente, mas também a aprendizagem dos alunos, pois os professores tiveram que se reinventar a partir dessas ferramentas que até então não estavam presentes na realidade dos alunos e nem no ambiente escolar, ainda mais nas escolas periféricas.

A professora Girassol destacou que a “formação continuada nunca será o suficiente para suprir as necessidades que estamos vivenciando, sempre será de suma importância o aperfeiçoamento do professor, pois irá contribuir no aprendizado do aluno e também no ambiente escolar, sendo que ainda em reuniões feitas por aplicativos”. Tal afirmação é forte, incisiva e mostra o quanto a pandemia do Covid-19 alterou a rotina da escola, da sociedade, da vida humana. A mesma ênfase encontramos no depoimento de Rosa de Deserto que afirma ser a formação insuficiente para dar conta da realidade vigente porque “[...] nossos conhecimentos sempre estiveram pautados em aulas com contato presencial com o aluno”.

Com base nestas reflexões é que essa pesquisa se estruturou, considerando o período de pandemia de Covid-19, ano de 2020 na ótica de duas professoras alfabetizadoras. E, para atender a realidade, ambas professoras lançaram mão de saberes docentes, ou seja,

conhecimentos teórico-práticos que dessem conta de melhor atender ao momento que viveram em 2020. Aliado a isso as professoras indicam que o trabalho pedagógico deve levar em conta as especificidades dos alunos.

5. Considerações finais

O ano de 2020 foi um ano atípico, que exigiu dos professores a apropriação de saberes que antes não eram mobilizados, ou não eram exigidos com tanta frequência, como, por exemplo, o domínio das tecnologias e novas formas de propor atividades totalmente remotas para as crianças e suas famílias. Isso exigiu uma reorganização espacial nas residências dos professores. O privado aos poucos tornou-se público. Muitas reuniões e estudos foram realizados para garantir que crianças tão pequenas desenvolvessem as atividades propostas.

As professoras alfabetizadoras foram desafiadas a desenvolver seu fazer docente tendo como mediadora a tecnologia nas aulas remotas. Nessa situação, as condições de acesso ao mundo digital por parte dos alunos e de seus familiares em acompanhar o ensino remoto refletem a desigualdade social: algumas crianças já desistiram da escola por não terem condições nem mesmo para ir até a escola buscar as tarefas impressas, quanto mais montar espaços com aparato tecnológico capaz de aproximar alunos e professoras.

Assim, na escrita deste artigo, foi possível, à luz dos pressupostos freireanos, apresentar os desafios enfrentados por duas professoras alfabetizadoras, uma de Três Lagoas/MS e outra de Porto Velho/RO para o desenvolvimento da sua prática docente com alfabetização durante o período de isolamento social do COVID-19 no ano de 2020. Tais estratégias se configuraram em saberes docentes, muitos deles não evidenciados nos cursos de formação inicial e continuada, haja vista que a realidade da pandemia do Covid-19 é um fenômeno recente, grave e para o qual ainda se buscam muitas respostas.

E, para finalizar, destacamos que as reflexões aqui trilhadas traduzem a realidade de duas professoras que residem em estados distintos, longe geograficamente, mas que ambas as práticas se assemelham devido a busca por uma alfabetização democrática e humanizadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid-19**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: dez 2020

BISPO, Silvana Alves da Silva. **PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES – PROFA**: da teoria à prática na REME de três Lagoas-MS.

Dissertação Mestrado – PPGE, UFMS, Campo Grande/MS, 2006.

BISPO, Silvana Alves da Silva. **Educação humanizadora e dificuldades de aprendizagem:** o que nos revelam os discursos de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tese Doutorado – Mackenzie, São Paulo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: SP, Olho D'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 64 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado**. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky - **Aprendizado e Desenvolvimento**. Scipione, 2010.

TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz et AL. **Reflexões sobre ensino da leitura e da escrita**. 6.ed. Petropolis-RJ: Vozes,1994.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.